



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Physical Education and Sport Journal

[v. 16 | n. 1 | p. 69-77 | 2018]

RECEBIDO: 05-04-2018

APROVADO: 19-04-2018

ARTIGO ORIGINAL

DOSSIÊ LUTAS

(In)Justificativas e (im)possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática

(Un)Justifications and (im)possibilities of the teacher of physical education in adopt the fights as the thematic unit

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p69>

Walter Reyes Boehl, Leonardo da Silva Lima, Denise Grosso da Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O tema lutas em unidades temáticas da educação física escolar não é recorrente nas aulas. Mesmo que documentos pedagógicos norteadores apontem para o seu uso, poucos são os professores que aproveitam. Esta pesquisa tem como escopo identificar as dificuldades e impedimentos para empregar as lutas como conteúdo em unidades temáticas de educação física escolar, por docentes sem formação em artes marciais. Os objetivos específicos visam compreender como os professores percebem as dificuldades para inserir as lutas; demonstrar quais alternativas buscam para superá-las; verificar se essa cultura corporal de movimento vem apresentando-se nas aulas. O método adotado foi de caráter qualitativo, do tipo descritivo/exploratório, tendo como mecanismos de coleta de informações questionários aplicados a docentes e estagiários, participantes do curso de extensão. Dos 167 cursistas matriculados, 19 participantes responderam ao questionário. A análise dos elementos demonstrou que os professores de educação física evidenciam insegurança em tratar sobre um assunto o qual não dominam; que procuram diversas opções para suplantar os problemas e também sugerem a necessidade de um maior debate acerca do assunto das lutas no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Linguagens; Lutas; Unidade Temática.

ABSTRACT

The theme of fights in thematic units of Physical Education in schools is not recurrent in class. Even if pedagogical guiding documents point to its use, few teachers take advantage. This research has as scope to identify the difficulties and impediments to use the fights as content in thematic units of physical education school, by teachers without training in martial arts. The specific objectives aim to understand how the teachers perceive the difficulties to insert of the fights; demonstrate which alternatives seek to overcome them; to verify if this body culture of movement has been presenting itself in the classes. The method adopted was qualitative in the descriptive/exploratory type, having as information collection mechanisms questionnaires applied to teachers and trainees, participants of the extension course. Of the 167 enrolled students, 19 participants answered the questionnaire. The analysis of the elements demonstrated that physical education teachers showed insecurity in dealing with a subject that does not dominate; who seek different options to overcome problems and also suggest the need for a greater debate on the subject of fights in the school context.

KEYWORDS: Physical Education; Languages; Fights; Thematic Unit.

INTRODUÇÃO

A Educação Física, sob o prisma de um currículo por áreas de conhecimento e, mais especificamente localizada na área das linguagens, tem como propósito oportunizar a aprendizagem em relação às capacidades motoras, cognitivas e sociais, tendo como função também possibilitar a construção de seres críticos, autônomos e reflexivos, enquanto alunos e cidadãos. Conforme Vargas Neto e Voser (2001), o ensino do esporte, bem como seus efeitos educativos, depende do contexto onde se localizam, de aspectos sociais e, principalmente, da intervenção do agente educador. Para Fonseca (2015), a legitimação da Educação Física enquanto componente curricular, passa pela função complexa de educar um aluno inteiro, inserido em um contexto sociocultural.

Nessa perspectiva, a prática pedagógica não pode ser erigida apenas nos modelos esportivos clássicos/tradicionais. Diversas práticas esportivas e culturais devem fazer parte da gama de repertórios e possibilidades nos locais das aulas. A ressignificação das práticas esportivas e a utilização de técnicas, regras, leis, táticas são muito importantes no âmbito escolar. Segundo Paes (2001), a educação física escolar como uma disciplina que, pedagogicamente, trata de temas da cultura corporal, permite que o aluno tenha a percepção corporal, dentro dos aspectos de suas possibilidades e limitações, bem como, o acréscimo gestual em sua bagagem motora. De acordo com Brasil (2002), ela é o espaço apropriado, dentre as disciplinas escolares, para desenvolver a cultura corporal de movimento, e, nesse sentido, possibilitar a apropriação das virtudes através da fruição dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas, em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Conforme os PCN's (BRASIL, 1998), as lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Portanto, as lutas são práticas provenientes da cultura corporal de movimento que apresentam a questão do confronto físico direto, regidas por regras pré-determinadas. Além disso, há a oposição de ações entre os participantes, nas quais o alvo está no corpo adversário. Ainda, as ações são de modo simultâneo e possuem características de imprevisibilidade (RUFINO; DARIDO, 2015).

Dentre as possibilidades das manifestações da cultura corporal, as lutas parecem estar pouco presentes como conteúdo de unidades didáticas da Educação Física escolar. Mesmo que nos últimos tempos tenham sido produzidos documentos, orientações pedagógicas, teóricas e metodológicas, visando fundamentar e qualificar a prática docente (BELO et al., 2017) poucos são os docentes que se apropriam desse objeto de conhecimento e o disponibilizam em suas aulas. Tal cenário nos instiga o seguinte problema de pesquisa: que sentimentos se manifestam em relação às dificuldades e impedimentos para a utilização do conteúdo das lutas em unidades temáticas de educação física escolar por parte de docentes que não são especialistas em artes marciais/esportes de combate?

Nesse sentido, buscamos, através desta investigação, identificar quais são os maiores impedimentos, ou seja, as dificuldades para não utilizarem o conteúdo das lutas nas aulas de educação física, bem como, compreender como os professores percebem as dificuldades e que alternativas buscam para superá-las. Ainda, analisar a formação inicial da licenciatura em educação física verificando como o conteúdo das lutas está contemplado na organização curricular de modo a garantir saberes que capacitem para a docência de unidades didáticas sobre a temática.

LUTAS

As lutas estão inseridas nos mais diversos contextos sociais. Elas estão presentes nos esportes (de combate), nos treinamentos dos aparatos de segurança pública e privada, nos exercícios dos soldados para a guerra, nas academias de treinos funcionais e timidamente nos espaços escolares.

Tensões, dúvidas e insegurança surgem quando a temática está pautada no uso das lutas como unidade temática de educação física escolar. Previamente, demonstrando total desconhecimento sobre a matéria, nascem inferências que a sua utilização pode tornar os estudantes mais violentos, agressivos e hostis. De acordo com essa premissa, ainda existe a confusão entre o que é lutar e brigar. Comumente, não são identificadas as

suas diferenças, apenas as suas similitudes, por conseguinte, ambos são jogados em vala comum. Por questões como essas, que geram controvérsia, muitas vezes, os docentes, os quais não detêm conhecimento e muito menos afinidade com a prática das lutas e tampouco conhecedores de suas filosofias, se sentem impedidos/incapazes em realizar as suas aulas pautadas nessas manifestações da cultura corporal de movimento. Assim, mesmo que a BNCC (BRASIL, 2017), Lições do Rio Grande (RIO GRANDE DO SUL, 2009), pareadas com os PCN's (BRASIL, 1998), incluam as lutas como conteúdo da educação física escolar, há relutância pelos professores na utilização das mesmas em suas aulas. Segundo Ferreira (2006), os mais variados argumentos surgem para justificar tal situação, como: o de ser um conteúdo inadequado, capaz de despertar violência e agressividade nos alunos; a falta de conhecimento e o desconforto em ensinar algo que não faz parte do seu repertório; a carência de estrutura e material adequado na escola; dentre outros. Conforme Del Vecchio e Franchini (2006), normalmente, quando há existência das lutas na educação física na escola, esta é realizada por professores que possuem maestria em alguma arte marcial ou que se não são faixas-pretas, *experts* ou mestres, apresentam alguma intimidade com as modalidades de esportes de combate.

Monteiro et al. (2017), Alessi e Boeira (2017), Luchett e Selow (2016), demonstram em suas pesquisas que além das possibilidades há a existência de benefícios para os estudantes. Em relação à importância de tratar esse conteúdo nas aulas de educação física, os investigadores Godoy et al. (2012) referendam a sua expressividade. Como conteúdo é considerado um eixo estruturante da educação física escolar, com valoroso potencial pedagógico nas mãos do educador por sua ação corporal exclusiva (ANDRADE NETO; NÁPOLIS, 2017).

Nessa perspectiva, as lutas, como um conteúdo da educação física escolar, reúnem um conjunto de conhecimentos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (LANÇANOVA, 2007).

Todavia, a par de todos os argumentos que advogam a favor do trabalho com lutas na escola, a discussão em torno do professor de educação física ter a necessidade de conhecimento prévio em lutas ou afinidade com as artes marciais, para promover seu ensino, até o presente não nos parece ter sido debatido devidamente, ou seja, a literatura consultada, não oferece contribuições significativas quanto às dificuldades de aplicação do conteúdo lutas em unidade didática, quando o professor de educação física não é especialista em artes marciais.

EDUCAÇÃO FÍSICA, LINGUAGENS E LUTAS

A Educação Física, enquanto componente curricular na área das linguagens, tem como finalidade, juntamente com as outras disciplinas dessa área, contribuir para o conhecimento do mundo em que vivemos, das diversas culturas e suas especificidades, promovendo experiências que possibilitem a prática e o diálogo com as linguagens e suas várias formas de manifestação (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Desse modo, através da linguagem corporal (não verbal), a Educação Física junta-se à Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna e Artes à área das linguagens pelo fato de todas abordarem diferentes linguagens.

Diante disso, a mesma passa a ser compreendida não mais pelo condicionamento físico e esporte, praticados de maneira inconsciente ou mecânica; mas como prática social em que o sujeito é mergulhado em diferentes frentes culturais, nas quais estão indissociados corpo, movimento e intencionalidade (SÃO PAULO, 2008).

Conforme Rosário e Darido (2012), a Educação Física é organicamente composta de ações corporais, traduzidas em linguagem. As primeiras formas de comunicação entre os homens e o estilo de vida eram atreladas à atividade física, que por sua vez, estavam vinculadas ao trabalho, pois sobreviviam da caça, da pesca, da coleta, entre outras; essas ações corporais utilizadas para a sobrevivência relacionam-se à cultura corporal de movimento. Podemos observar que as lutas engendram-se dessas ocupações, sendo práticas corporais erigidas ao longo da história por pretextos de sobrevivência. São manifestações imersas no arcabouço da cultura corporal de movimento. Elas vêm perpassando o modo de ser e de viver das pessoas em sociedade ao longo dos tempos.

Por suposto, verifica-se que a cultura corporal de movimentos, nas lutas, está em devotado diálogo com os códigos da linguagem não verbal. A Educação Física deve, em seus conteúdos, conter práticas que formem o ser humano como um todo, utilizando movimentos corporais, que se apropriam de linguagem e expressões corporais, dentre elas as lutas.

Segundo Ladeira e Darido (2004), na perspectiva da reflexão da cultura corporal, as lutas são uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola. Diante disso, é possível compreender que as lutas vão além de seus teores esportivizados, carregam significações históricas e filosóficas.

Em conjunto com os pensamentos preconizados pelas pesquisadoras Silva e Damiani (2005), as lutas, enquanto conteúdo que compõe a área das linguagens pode contribuir para o entendimento do mundo pelo aluno, porque mostra a expressão fundada na dimensão corporal como uma formação de linguagem.

Numa perspectiva crítica, a linguagem configurada pela cultura corporal de movimento, através das lutas, estimula a autonomia do aluno instigando o estabelecimento de relações e a reflexão acerca e a partir dos aspectos socioculturais. Nesse sentido, o Coletivo de Autores (2012) sustenta que a prática pedagógica enquanto cultura corporal traz consigo um pensamento que busca instigar o sujeito ao desenvolvimento de sua autonomia e criticidade. Ainda, expõe a necessidade de leitura da realidade do contexto existente para poder interpretar e extrair a melhor reflexão possível sobre as práticas corporais trabalhadas em sala de aula.

Os mesmos autores (2012, p. 53) lembram a importância do tema das lutas, trazendo para o debate primeiramente a capoeira, destacando a importância de resgatá-la “enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou”, bem como com o judô, que foi “totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico”. Essa leitura sobre as lutas demonstra a complexidade do tema e o quanto podem estimular o desenvolvimento integral do aluno através da sua linguagem única e universal.

UNIDADE TEMÁTICA DAS LUTAS

A estruturação dos conhecimentos da Educação Física, conforme a BNCC (BRASIL, 2017), é definida tendo como referência central as práticas corporais, organizadas por manifestações da cultura corporal, através de unidades temáticas como brincadeiras e jogos, danças, ginásticas, esportes, práticas corporais de aventura e lutas.

Uma das dificuldades do professor que não tem familiaridade, ou seja, que não é especialista, com o conteúdo das lutas é pensar como elaborar a sua unidade temática estruturando através dessa pauta. Deste modo, houve preocupação na formatação do documento da BNCC em orientar o docente, para o trato pedagógico nessa situação. Assim, para a unidade temática lutas, são trabalhadas as disputas corporais, nas quais os participantes aplicam técnicas, táticas e estratégias peculiares para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de certo espaço, combinando ações de ataque e defesa focadas no corpo do oponente. Diante disso, esse mesmo documento propõe que sejam estudadas, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, as lutas brasileiras: capoeira, huka-huka e luta marajoara. Ou, ainda, lutas oriundas de outros países, a saber: judô, aikido, jiu-jítsu, muay thai, boxe, chinês boxing, esgrima, kendo, etc.

Portanto, as unidades temáticas de lutas estão organizadas em objetos de conhecimento conforme a ocorrência social dessas práticas corporais, das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial), sendo que as lutas esportivas também são tratadas na unidade temática Esporte, especificamente no objeto de conhecimento denominado como categoria de esportes de combate.

O documento 2017 da BNCC apresenta proposta do conteúdo das lutas como unidade temática somente para o ensino fundamental, a partir do 3º ano, excluindo o 1º e o 2º do ensino fundamental e todo o ensino médio.

MÉTODOS

Consultamos, para a construção da revisão de bibliografia, nas bases de dados da plataforma de pesquisa *Google Scholar*, entre os anos 1997 e 2017, artigos que tivessem associados os seguintes descritores: educação física escolar, linguagens, lutas, artes marciais, esportes de combate. Após isso, selecionamos os mais relevantes para o estudo em tela. Também, utilizamos livros, documentos legais e de orientações pedagógicas.

Com o escopo de entender como os professores e futuros docentes (estagiários) de educação física percebem-se enquanto sujeitos qualificados ou não em utilizar os objetos de conhecimento pertencentes às lutas para compor unidades temáticas na escola, empregamos uma abordagem quanti-qualitativa, por meio de um questionário com perguntas, primeiramente fechadas e depois abertas, aplicado a participantes do curso de extensão “Educação Física na Educação Básica: Diálogos e Possibilidades”, realizado pelas instituições de ensino superior UFRGS, FURG e Univates, o qual voluntariamente 19 cursistas responderam, vindo a aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Apesar desta investigação se valer da quantidade de sujeitos, ela possui cunho qualitativo, isto é, a devida importância dos achados cola-se mais às convergências de fenômenos sociais e suas representações de significados que revelaram do que o número de questionados.

A escolha pelo modelo qualitativo de pesquisa foi feita para atender a natureza do estudo cujos objetivos visam à compreensão e implicações de um determinado fenômeno educacional na formação de educadores e educando. Com essa visão, Negrine (2010, p. 61) lembra que “o paradigma qualitativo e/ou interpretativo está direcionado a desenvolver conhecimento ideográfico, com a finalidade de buscar significados entre os objetos estudados”. Assim, o conteúdo exposto pelos docentes neste trabalho tornou-se um importante documento para compreender o cenário das lutas na educação física escolar.

Após a coleta de dados, conforme os pressupostos de Bardin (2000), analisamos as informações. Esse procedimento nos permitiu o cruzamento de informações, com suas concernentes representações, nos consentindo examinar relações pertinentes, zelando sempre os contextos, relacionando com o referencial teórico inicial para que alcançássemos os objetivos ora propostos

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Em um universo de 167 cursistas inscritos, 138 matriculados acessaram ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso *Moodle* e, destes, 19 participantes responderam ao questionário que fora disponibilizado no espaço ora citado. Dentre esses, a média de idade foi de 36,5 anos, variando de 20 anos a 53 anos. Dos 19 alunos, 13 (68,4%) são formados em Educação Física e seis (31,6%) ainda estão cursando.

No contexto das perguntas fechadas do questionário, quando perguntados se possuíam alguma experiência relevante em esportes de combates ou se eram graduados em artes marciais, 14 (73,7%) dos entrevistados afirmaram que sim e cinco (26,3%) disseram que não. Judô, jiu-jítsu, taekwondo, capoeira, caratê e luta greco-romana foram as modalidades citadas como suas vivências. Diante disso, somos empenhados a pensar que a prática das lutas não é tão escassa socialmente como habitualmente pensamos. Dessa forma, devemos considerar que a sua presença no âmbito escolar pode ser mais bem explorada do que vem incidindo.

No âmbito da formação acadêmica, ao serem indagados sobre a suficiência da graduação em Educação Física em preparar o professor para o uso das lutas como conteúdo em unidades temáticas, apenas dois (10,5%) docentes acreditam que sim. Outros 10 (52,6%) acham que a formação superior inicial não dá conta de habilitar o professor de educação física para a utilização das lutas em suas aulas. Porém, sete (36,9%) creem que foram qualificados parcialmente. A cultura de formação universitária ainda é remanescente dos tempos do esportivismo, com destaque aos esportes coletivos com bola.

Como já referido, diversos documentos pedagógicos orientam os docentes de educação física a se apropriarem dos objetos de conhecimento em suas aulas, dentre os quais a BNCC (2017), os PCN's (2002) e as

Lições do Rio Grande (2009) apontam as lutas como conteúdo a ser utilizado em unidades temáticas. Nessa perspectiva os cursistas foram convidados a responder: *você acredita que seja possível a utilização em suas aulas, das orientações oriundas dos PCN's, Lições do Rio Grande e BNCC, de Educação Física?* Dos colaboradores, 13 (68,4%) responderam que sim e seis (31,6%) indicaram que parcialmente. As respostas demonstram que documentos norteadores são importantes para o processo pedagógico e que a implementação de políticas públicas comprometidas com a formação continuada são importantes elementos para o desenvolvimento de práticas docentes mais diversificadas e plurais. Dessa forma, esses resultados corroboram com a ideia de que mais pesquisas nesse campo devem ser realizadas para que mais pautas orientadoras sejam desenvolvidas, consoantes com as existentes, estimulando a docência na área em baila.

Ao serem questionados se utilizam ou já utilizaram as lutas como conteúdo em unidade temática em suas aulas, afirmaram que sim, 11 (57,9%) e responderam que não, oito (42,1%). Não pretendemos generalizar esses dados, entretanto mesmo que mais da metade do grupo investigado tenha respondido afirmativamente, percebemos que o conteúdo lutas é pouco aproveitado na escola, fato que, para melhor compreensão, suscita novas investigações.

No espaço das questões abertas, perguntamos para os que não usam e nunca usaram, quais seriam as dificuldades para que adotassem as lutas como conteúdo de suas aulas. As alegações foram amplas, a saber: não possuir vivência prática das modalidades prejudica na hora de transmissão do conhecimento; o preconceito e o estigma de ser uma modalidade que desperta a agressividade e a violência; pouco conhecimento do conteúdo gera insegurança para desenvolver a prática; a formação acadêmica foi insuficiente, gerando receio no que se refere o seu ensino, por conta de segurança ou riscos de acidentes durante as aulas; a má utilização da aprendizagem por conta dos alunos, que fora do ambiente escolar podem se apropriar de forma indevida; falta de materiais, de recursos e de estruturas adequadas; não concordar com a banalização das lutas, não havendo a preservação da sua história e filosofia, sendo as artes marciais exploradas mais para fins de interesse comercial do que pedagógico.

As respostas dos colaboradores, os quais estão designados com nomes fictícios para preservar suas privacidades, vão ao encontro das razões que já apareceram em outros estudos, ou seja, confirmam os temores, inseguranças, fragilidades e preconceitos que tem impedido que as lutas componham o conjunto das práticas corporais trabalhadas nas escolas.

“Acredito que a ausência de uma maior experiência em lutas contribuiu para o fato. Além disso, na graduação são raras as vivências sobre o tema, apreendendo um pouco sobre como ‘manusear’ uma aula com conteúdo das lutas de uma forma bem básica e inicial. Creio que somente isso não foi suficiente para a capacitação qualificada para uma unidade dentro do ensino. Ainda assim, creio que com mais experiências dentro da graduação e oportunidades de ‘colocar a mão na massa’ ensinando as lutas ao próximo, mas não só tendo vivência práticas, aceleraria o processo de segurança para transmitir ensinamentos relacionados às práticas. Particularmente, por conhecer e experienciar pouco as lutas, tenho bastante receio no que se refere a sua transmissão. Especialmente, por conta de segurança ou riscos de acidentes durante a aula” (Verônica, 2017).

Tais apontamentos vão ao encontro do que Darido (2005) menciona sobre os conteúdos escolares, isto é, a dificuldade de escolha dos temas escolares além dos esportes tradicionais no contexto escolar (futsal, basquete, handebol e voleibol). Assim, a dificuldade em trabalhar temas não hegemônicos na educação física escolar reflete não somente a falta de vivência dos professores e/ou futuros professores em modalidades, mas a adversidade em buscar ferramentas criativas que provoquem o conhecimento e a compreensão do discente, seja com as Lutas ou outros temas (DARIDO, 2005; FERREIRA, 2006).

Em relação à questão dos que responderam que utilizam ou já utilizaram as lutas como conteúdo, esses justificam o porquê do emprego e como se aproveitam dessa forma: estudando; através de pesquisas em artigos e materiais didáticos; buscando conhecimento através de praticantes de alguma modalidade; adaptando os recursos e as estruturas e persistindo no processo ensino-aprendizagem; utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para ensinar os aspectos filosóficos, históricos, desportivos; práticas semelhantes às manifestações mais específicas das lutas, mimetizando elementos centrais e mais presentes

nas Lutas; ensinando aspectos técnicos das lutas no geral e não especificando a modalidade; experiências práticas (vivências *in loco*); livros específicos, leituras sistemáticas de artigos e participação ativas em grupos de pesquisa. Assim se manifestou um dos nossos colaboradores:

“Através de pesquisas em artigos e materiais didáticos e conversas com amigos que praticam alguma modalidade de luta, como judô, kickboxing [...] Para a falta de recursos e materiais, buscamos empréstimo ou confecciono [...] No início quando apresentei a ideia para os alunos, alguns não gostaram. Acharam que seria violento, sendo algo tão diferente das aulas que costumavam ter [...] Montei uma apresentação no *power point* com a história do judô, desde o seu surgimento, o criador, a filosofia, as frases e pensamentos. Conversamos sobre a primeira judoca brasileira a conquistar medalha olímpica. Então, os alunos se admiraram com o que fora apresentado. Tinham uma imagem muito diferente do que realmente é. Um esporte que visa respeito em primeiro lugar, humildade e muita sabedoria” (Mário, 2017).

A ideia presente nessas respostas, de elaborar e introduzir a temática das lutas em aula, demonstra o entendimento de que a educação física escolar não compreende apenas o desenvolvimento de habilidades motoras através de práticas hegemônicas, mas que o conhecimento a ser adquirido pelo aluno advém de um imenso repertório oferecido pelo componente curricular. Como explicitado, para uma maior progressão nesse espaço de formação, a ciência tem um papel fundamental, tanto para dar suporte àqueles que já atuam como para os que vão atuar.

Darido (2003) discorre sobre a relação “formação tradicional x científica”, onde as práticas, até então desvalorizadas, como as Lutas vêm conquistando espaço no cenário científico acadêmico e, conseqüentemente, adentram o meio escolar. Assim, para o docente, o receio de trabalhar com a temática das lutas recua e a abordagem utilizada ganha estrutura com o conhecimento teórico, isto é, a teoria torna-se “fundamental na medida que fornece os elementos de compreensão do processo ensino-aprendizagem” (DARIDO, 2003, p. 23) proporcionado pela ciência e com a prática realizada em sala de aula com os alunos (DARIDO, 2003; SILVA; BRACHT, 2012).

Logo, como relatam Fensterseifer e Da Silva (2011), a graduação não pode ser o ponto final da formação do professor. Compreender o discente que está sendo formado e as suas reais necessidades, diante das diferentes lutas possíveis de se trabalhar e suas diversas formas de contribuição intelectual e motora, é uma tarefa complexa que instiga o professor de educação física a atualizar-se sempre para a melhor docência possível, desde artigos científicos à congressos para professores da educação básica. Deste modo a teoria estimula o professor a desenvolver as lutas e a prática lhe dá a confiança para provocar e motivar o discente com um mundo diferente e de formação integral. Contudo, como relata Betti (2005), é importante ressaltar a relação entre teoria e prática, uma vez que a ciência fornece o conhecimento, mas não comporta os diferentes contextos e suas singularidades e complexidades do qual o professor enfrenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos de identificar e compreender as dificuldades e impedimentos referentes à utilização do conteúdo das lutas em unidades temáticas de educação física escolar por parte de docentes que não são especialistas em artes marciais/esportes de combate, bem como quais alternativas buscam para superá-las, aliado ao interesse em analisar a formação inicial da licenciatura em Educação Física em relação às disciplinas que tratam do tema, o presente estudo aponta alguns aspectos significativos, quais sejam:

- em relação aos motivos que os investigados trouxeram para a não inclusão das manifestações das lutas na educação física, percebe-se a insegurança em trabalhar com um assunto que não tem domínio. Sendo assim, observamos que são as mesmas alegações que já se encontram na literatura, como não ter a experiência prática em artes marciais, a formação superior precária, a falta de materiais e recursos, o pouco conhecimento, entre outras;
- em relação às formas utilizadas para superar as dificuldades, as respostas dos docentes e estagiários,

através de suas experiências, demonstram como essas barreiras podem ser sobrepujadas, como: cursos de capacitação, *workshops*, pesquisas na internet, auxílio de vídeos, professores convidados e principalmente de criatividade.

Enfim, a dificuldade em abordar e desfrutaras temáticas lutas, seja em procedimentos, atitudes ou conceitos, indica a importância e a necessidade de uma maior discussão sobre o tema das lutas no contexto escolar. Encontrar novos meios, compreendendo as lutas como unidade temática trabalhada enquanto cultura corporal de movimento, é tarefa emergente, quiçá, de fundamental importância para a construção do sujeito contemporâneo, considerando também a esteira de um currículo por áreas de conhecimento que inclui a Educação Física na área das linguagens.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, A.; BOEIRA, W. N. S. Os benefícios das lutas e como trabalhar esse conteúdo na educação física escolar. In: 8º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. **Anais...** 8º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%20CONPEF%202017/os%20beneficios%20das%20lutas%20129613-19826.pdf>>. Acessado em: 9 de novembro de 2017.
- ANDRADE NETO, J. B.; NÁPOLIS, P. M. M. O ensino de lutas nas escolas de ensino fundamental no estado do Piauí. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, Terezina, v. 4, n. 2, p. 85-96, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 2000.
- BELO, C. S.; SILVA, H. V. T.; OLIVEIRA, M. A. L. de; BARBOSA, V. V. de A. **Aplicação do conteúdo lutas na escola: estudo nas escolas de referência em ensino médio de Caruaru-PE**. 2017. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/461/1/aplica%c3%87%c3%83o%20do%20conte%c3%9ado%20lutas%20na%20escola.pdf>>. Acessado em: 9 de novembro de 2017.
- BETTI, M. Sobre teoria e prática: manifesto pela redescoberta da educação física. **Lectures: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 10, n. 91, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd91/ef.htm>>. Acessado em: 9 de novembro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 15 setembro. 2017.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. **Educação Física**. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- BRASIL. PCN Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Semtec, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2003. 110p.
- DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005. p. 64-78.
- DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da educação física. In: SOUZA NETO, S. de; HUNGER, D. A. C. F. (Org.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99-108.

- FENSTERSEIFER, P. E.; DA SILVA, M. A. Ensaio sobre o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-34, 2011.
- FERREIRA, H. S. As lutas na educação física escolar. **Revista de Educação Física**, v. 135, p. 36-44, 2006.
- FONSECA, D. G. da. Em busca de uma pedagogia relacional. In: FONSECA, D. G. da; MACHADO, R. B. **Educação Física: (re)visitando a didática**. Porto Alegre: Sulina: 2015.
- GODOY, A. L.; DE MACEDO, W. M.; FIORANTE, F. B. História da capoeira e sua importância nas aulas de educação física. 10ª Mostra Acadêmica UNIMEP. Piracicaba, 2012.
- LADEIRA, M. F. T.; DARIDO, S. C. Educação física e linguagem: algumas considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 31-9, 2004.
- LANÇANOVA, J. E. da S. **Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2007.
- LUCHETT, R.; SELOW, M. L. C. Análise das lutas na educação física escolar: dificuldades e benefícios. **Vitrine Produção Acadêmica**, Curitiba, v.4, n.1, p. 351-62, 2016.
- MONTEIRO, H. D. da S.; DA CUNHA, A. N.; DA SILVA, M. F. G. Os benefícios das lutas no ensino fundamental. In: IX Mostra Científica de Educação Física, 2017, Quixadá. **Anais... IX Mostra Científica de Educação Física**. Quixadá: Núcleo de Publicações do Centro Universitário Católica de Quixadá, Unicatólica, 2017. v. 1.
- PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Ulbra, 2001.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Lições do Rio Grande: Linguagens, códigos e suas tecnologias. **Artes e educação física**. Referencial Curricular, v. 2. Porto Alegre, 2009.
- ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. Os conteúdos escolares das disciplinas de história e ciências e suas relações com a organização curricular da Educação Física na escola. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 691-704, 2012.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.
- SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: **Educação Física**. São Paulo: SEE, 2008.
- SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Vol. 1. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p.17-27.
- SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 75-88, 2012.
- VARGAS NETO, F. X. de; VOSER, R. da C. **A criança e o esporte: uma perspectiva lúdica**. Canoas: Ulbra, 2001.

Autor correspondente: **Walter Reyes Boehl**

E-mail: **walter.boehl@ufrgs.br**

Recebido: **05 de abril de 2018.**

Aceito: **19 de abril de 2018.**